

A relação entre compreensão e aspectos prosódicos na leitura em voz alta de falantes do Português Europeu

Camila Tavares Leite
UFMG/CAPEL
Belo Horizonte - Brasil
ctlcamila@yahoo.com.br

Resumo — Este trabalho apresenta uma análise inicial da leitura de sujeitos portugueses de diferentes idades e diferentes níveis de escolaridade. Observamos nos dados as pistas prosódicas e entoacionais que podem apontar um leitor como fluente. Pudemos verificar que a prosódia, a idade e a escolaridade estão relacionados. Mas, além disso, devemos considerar a importância do conhecimento do leitor e o valor que ele dá à tarefa no momento em que está realizando-a. Isto é essencial, pois é com base nesses conhecimentos que o leitor vai organizar a sua leitura em constituintes prosódicos de “boa qualidade”, com a finalidade de ser entendido, por si e pelo ouvinte.

Palavras-chave – leitura em voz alta, fluência, prosódia, entoação

I. INTRODUÇÃO

A leitura pode ser definida como uma atividade bastante complexa, na qual diferentes mecanismos de comportamento como a identificação das letras, o reconhecimento de palavras e seus significados, bem como a integração sintática e semântica interagem [1].

Para que se alcance uma adequada compreensão da leitura é necessário mais do que automatismos ou capacidade de decodificação e reconhecimento de palavras. É necessário o domínio dos mecanismos de decodificação associados à capacidade de compreensão do material lido. Shreiber (1991) [2], Kuhn (2003) [3] e Breznitz (2006) [4] sugerem que aspectos prosódicos fariam parte do processo de desempenho da leitura, pois são necessários para que haja uma eficiente compreensão do texto lido. A prosódia, conforme Cagliari (1992) [5], possui a função de “chave de interpretação”, isto é, ela direciona o valor a ser atribuído a partes diferentes do enunciado, realçando ou reduzindo-as, de acordo com o contexto em que estão inseridas. Já a entoação possui características prosódicas que transmitem informações linguísticas de importância fundamental para a construção do significado do enunciado. Pode-se dizer, portanto, que a prosódia e a entoação têm a função de carregar o significado do enunciado.

Os leitores capazes de utilizar os aspectos prosódicos de forma apropriada são capazes de transferir o seu conhecimento da sintaxe da fala para o texto, efetivamente aplicando estas características à sua leitura. Como resultado, esses leitores mantêm as características de expressividade da linguagem oral

em adição à sua precisão, velocidade e compreensão. Neste caso, podem ser considerados leitores fluentes.

Visto sob este enfoque, pensamos que a prosódia é um indicador da capacidade de compreensão da leitura, logo, deve ser observada como um fator essencial na análise da leitura. Apesar de a prosódia já ser considerada um traço distintivo que pode caracterizar uma leitura como fluente, pouco se sabe sobre a natureza prosódica da leitura.

Sabe-se que para ler prosodicamente, o leitor deve ser capaz de incorporar na leitura as variações de pitch existentes na conversação normal, além de ser capaz de incorporar na leitura aspectos de expressividade presentes na fala [6]. Entretanto, não se sabe até que ponto a prosódia influencia a compreensão do texto lido.

II. HIPÓTESES

Levando em consideração o exposto, apresentamos as seguintes hipóteses de trabalho: a) a agilidade ao confirmar ou refazer o processamento gramatical *online* é uma característica de compreensão do que está sendo lido. Então a rapidez de compreensão de um texto (apoiada num processamento gramatical adequado) pode ser medida pela realização prosódica da leitura em voz alta. Espera-se que os leitores adultos maduros apresentem, já na primeira leitura, uma leitura mais fluente que os leitores de 11 e 15 anos, com uma organização prosódica, no que diz respeito à organização dos sintagmas entoacionais [7], igual ou próxima à matriz controle utilizada pelos pesquisadores; b) espera-se que leitores maduros tenham menor número de sintagmas entoacionais, demonstrando assim capacidades de integração de unidades de informação maiores; c) espera-se que os resultados de tempo de resposta para os testes de compreensão apresentem valores menores para os leitores maduros, com um maior número de acerto para estes sujeitos.

III. OBJETIVO DO EXPERIMENTO

O principal objetivo deste trabalho é avaliar a leitura em voz alta de indivíduos em diferentes fases do processo de alfabetização e, a partir desta observação, relacionar prosódia de leitura e compreensão do material lido.

IV. O EXPERIMENTO

A seguir são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na organização e gravação do experimento desta pesquisa: como foram realizadas a seleção dos textos e a seleção dos informantes; os princípios que nortearam a organização do experimento; a forma como os dados foram coletados também estão expostos.

A. A coleta de dados

Foram gravados 30 sujeitos, portugueses, moradores da cidade de Lisboa, Portugal (10 alunos do 6º ano do ensino básico – 11 anos, 10 alunos do 10º ano do ensino secundário – 15 anos e 10 alunos do primeiro ano de graduação do curso de letras). A gravação da leitura dos alunos do 6º ano do Ensino Básico realizou-se no auditório da Escola Professor Lindley Cintra. A recolha dos dados dos alunos do 10º ano do Ensino Secundário realizou-se em uma sala da Escola Secundária do Lumiar. Em ambos os casos, foi solicitado à escola que disponibilizasse uma sala cujo ruído fosse o menor possível, visto que as leituras sofreriam análises em programas de análise acústica. Foi utilizado para a coleta desses dados o gravador digital Marantz PMD 670 e um microfone miniatura Sennheiser Mke, pertencentes ao Laboratório de Fala do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Os estudantes de graduação foram gravados na câmara acústica do Laboratório de Fala do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Foi utilizado o gravador digital Marantz PMD Pro 661 e o microfone miniatura DPA 4060. Neste caso, a qualidade da gravação foi garantida, já que a sala possui características semi-aneólicas. Cada sujeito leu dois textos, duas vezes cada um, sendo que entre a primeira e a segunda leitura de cada texto, o sujeito respondeu, em um computador, um questionário de compreensão. O teste de compreensão foi realizado no programa DMDX. Os mesmos textos foram gravados por um leitor de 30 anos de idade, estudante de doutorado, com o objetivo de ser utilizado como base para comparações entre os demais sujeitos. Tal leitura foi considerada “controle” ou “ideal”.

B. O teste de compreensão

Observamos quatro níveis de processamento: 1. palavra; 2. inferência lógica; 3. inferência elaborativa; 4. idéia central. As questões apresentadas no teste foram elaboradas da seguinte forma. No nível de palavra, encontram-se cinco questões: duas sobre palavras que não estão no texto, duas sobre palavras que estão no texto, mas não na idéia central e uma sobre uma palavra que está na idéia central do texto.

No nível das inferências, para cada inferência há uma afirmativa verdadeira e uma falsa. E por último, foi pedido ao leitor que dissesse a idéia central do texto. Sua resposta foi gravada. Ao todo, foram 10 questões para cada texto.

C. A escolha dos enunciados

Por se tratar de um grande número de dados, limitamos nosso trabalho de análise prosódica a: a) 3 (três) enunciados do texto “O ratinho Dadá” e b) 2 (dois) enunciados do texto

“A Amazónia” para que fosse possível a realização de uma análise mais refinada.

Como os enunciados foram selecionados na porção inicial, média e final do texto, no caso do texto “O ratinho Dadá” e na porção inicial e final, no caso do texto “A Amazónia”, torna-se possível observar se o leitor adquiriu fluência no decorrer da leitura daquele texto em específico. Esse dado ainda será analisado.

D. As variáveis

As variáveis dependentes selecionadas para análise neste trabalho foram:

- Frequência Fundamental.
- Duração nos enunciados selecionados para análise:
 - Tempo total de leitura,
 - Pausas,
 - tempo de elocução.
- Número de Sintagmas Entoacionais dos enunciados selecionados para análise.
- Tempo de resposta de teste e compreensão.

Já as variáveis independentes selecionadas para análise neste trabalho foram:

- Idade
- Escolaridade
- Texto

V. A ANÁLISE E OS RESULTADOS PARCIAIS

A seguir são apresentadas aquelas variáveis que já foram observadas e uma discussão parcial sobre os resultados obtidos até o momento.

A. Duração

1) Tempo total de leitura do texto (TTL)

Dentro do parâmetro da duração, primeiramente, observamos o Tempo Total de Leitura do texto. Como é possível observar a partir das médias apresentadas nas figuras 1 e 2 abaixo, o grupo de sujeitos de 20 anos, grupo com maior escolaridade, possui um tempo de elocução do texto maior que os demais grupos (11 anos e 15 anos, 6º e 10º anos, respectivamente), tanto para a primeira leitura do texto, quanto para a segunda leitura do texto. Leitores diferem muito em seu entusiasmo pela leitura, em como eles a valorizam, e no tempo que gastam ocupados na atividade. Se pensarmos no conceito de leitor fluente, lembramo-nos de que a fluência possui três indicadores: a) a velocidade de leitura, b) a entoação e c) a precisão na realização dos sons. Visto sob esse ponto de vista, é possível dizer que, para se articular bem um determinado som, se gasta um tempo maior e, talvez, este gasto maior feito pelos sujeitos adultos ocorra por estes atentarem-se a uma melhor produção dos sons durante a leitura.

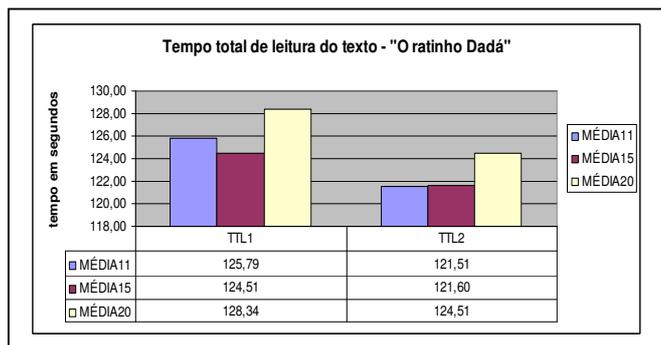


Figure 1. Gráfico com tempo de leitura do texto "O ratinho Dadá"

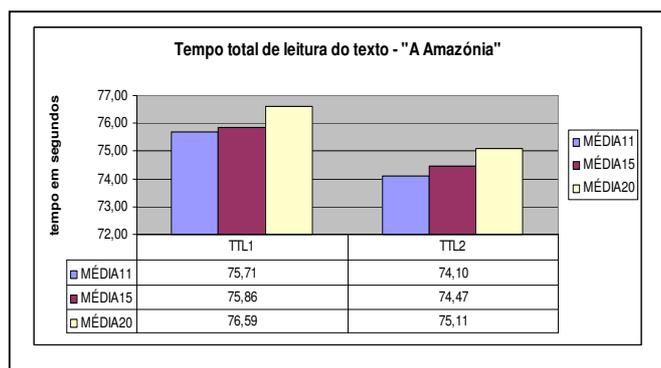


Figure 2. Gráfico com tempo de leitura do texto "A Amazônia"

2) Pausas

O uso excedente de pausa durante a leitura pode ser um indicador de disfluência. Resultados de pesquisas indicam que, à medida que as crianças se tornam mais fluentes na leitura, leem com pausas mais curtas [6].

Foram calculadas as médias do tempo de pausa nos enunciados¹ realizados pelos sujeitos desta pesquisa (texto "O ratinho Dada"). Os resultados foram comparados com o valor obtido através da leitura de um informante considerado ideal (leitura controle, explicado anteriormente). Nota-se nas figuras 3, 4 e 5 que, na primeira leitura, o valor que mais se aproxima do "controle" é o valor dos sujeitos adultos, de 20 anos, do primeiro ano de graduação em Letras. Já na segunda leitura, verifica-se uma aproximação também dos sujeitos de 15 anos, do 10º ano do ensino Secundário. A grande diferença é vista nos sujeitos com menor idade e escolaridade, pois estes leem realizando mais pausas dentro do enunciado.

O segundo texto, "A Amazônia", foi selecionado para leitura por apresentar maior dificuldade, tanto com relação ao léxico, quanto com relação à sintaxe. Pensamos que um texto mais complexo exigiria mais do leitor, no que diz respeito à decodificação das palavras e à integração sintaxe / semântica.

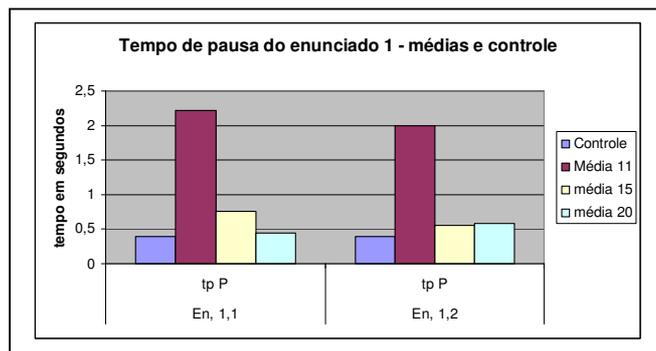


Figure 3. Gráfico- médias do tempo de pausa do enunciado 1 – Texto "O ratinho Dadá"

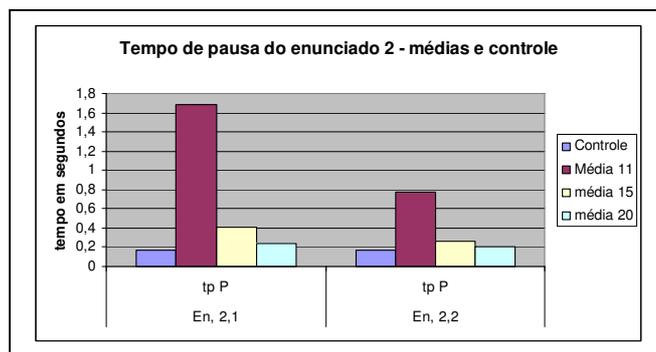


Figure 4. Gráfico- médias do tempo de pausa do enunciado 2 – Texto "O ratinho Dadá"

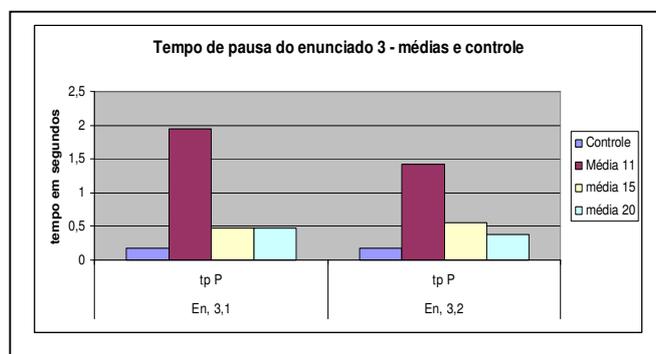


Figure 5. Gráfico- médias do tempo de pausa do enunciado 3 – Texto "O ratinho Dadá"

Esse fator poderia causar dificuldade na organização dos Sintagmas Entoacionais. Nas figuras 6 e 7, são apresentadas as médias dos tempos de pausa dos enunciados 1 e 2 do texto "A Amazônia". Nota-se, como no texto anterior, que as crianças de 11 anos, apresentam tempo de pausa superior ao tempo de pausa dos sujeitos de 15 e 20 anos.

Observa-se que o valor "controle" (dado retirado da leitura de um leitor considerado fluente) aproxima-se, primeiramente, do grupo de sujeitos com maior escolaridade, assim como também ocorre no texto "O ratinho Dadá".

¹ É importante lembrar que foram selecionados, para análise, 3 (três) enunciados do texto "O ratinho Dadá" (Enunciados 1, 2 e 3) e 2 (dois) enunciados do texto "A Amazônia" (Enunciados 1 e 2).

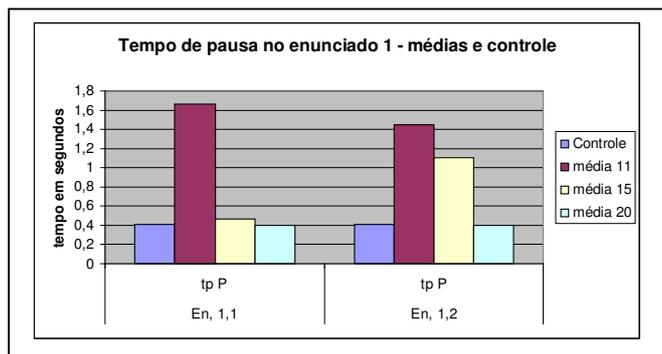
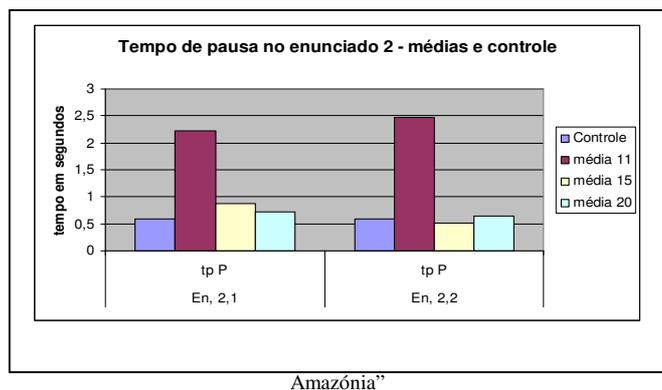


Figure 6. Gráfico- médias do tempo de pausa do enunciado 1 – Texto “A Amazônia”



Amazônia”

Segundo Perfetti (1985) [1], processos ao nível da palavra que são lentos ou ineficientes consumirão recursos da memória de trabalho que poderiam ser destinados a processos interpretativos de alto nível. A pausa pode ser uma propriedade utilizada pelos sujeitos com menor nível de escolaridade como uma ferramenta de auxílio para a decodificação da palavra. Podemos considerar que os sujeitos que realizam um número menor de pausas e pausas mais curtas possuem melhores habilidades prosódicas na leitura. Neste caso, os sujeitos com menor escolaridade possuem, dentre todos os outros sujeitos, habilidades prosódicas não muito boas.

3) Tempo de elocução dos enunciados escolhidos para análise

A partir da observação das figuras 8, 9 e 10 abaixo, é possível notar que há pouca diferença entre o tempo de elocução dos sujeitos de 15 e 20 anos para o texto “O ratinho Dadá”.

Comparadas as médias do tempo de elocução de cada enunciado produzido pelos sujeitos da pesquisa com o tempo de elocução de cada enunciado produzido pelo leitor ideal (cf. gráficos 8, 9 e 10), verifica-se que os sujeitos do 6º ano do ensino Básico se afastam mais do valor esperado.

Assim como observado nos valores de tempo de elocução dos enunciados do texto “O ratinho Dadá”, na leitura do texto “A Amazônia”, as crianças de 11 anos também apresentaram maiores valores para tempo de elocução dos enunciados

selecionados. Isso se justifica, provavelmente, pelo fato de neles estar contido maior tempo de pausa.

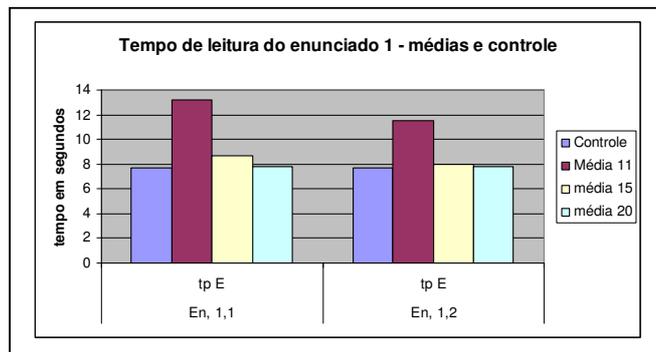


Figure 8. Gráfico- médias do tempo de leitura do enunciado 1 – Texto “O ratinho Dadá”

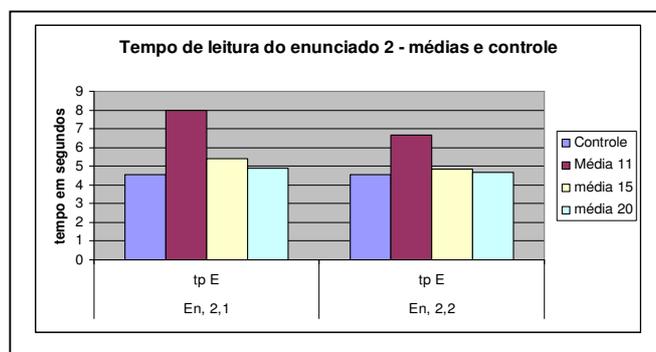


Figure 9. Gráfico- médias do tempo de leitura do enunciado 2 – Texto “O ratinho Dadá”

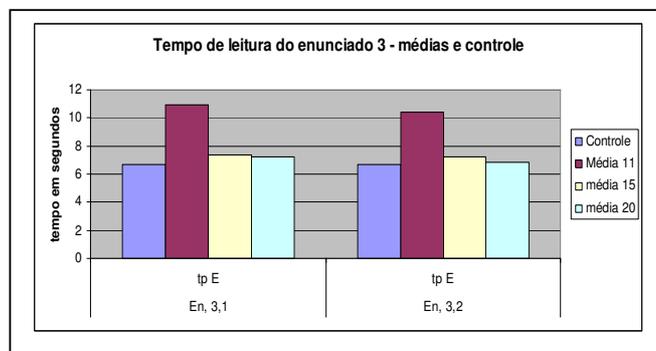


Figure 10. Gráfico- médias do tempo de leitura do enunciado 3 – Texto “O ratinho Dadá”

Os gráficos das figuras 11 e 12 mostram as médias do tempo de leitura dos enunciados 1 e 2 do texto “A Amazônia”, além de apresentar também o valor “controle”. Como se pode notar, a média dos sujeitos de 11 anos distancia-se mais evidentemente do valor esperado para um leitor fluente.

B. Frequência Fundamental (F0)

A frequência fundamental foi observada analisando-se a configuração geral da curva. A partir daí, verificamos a organização e estruturação prosódica do texto, feita pelos informantes.

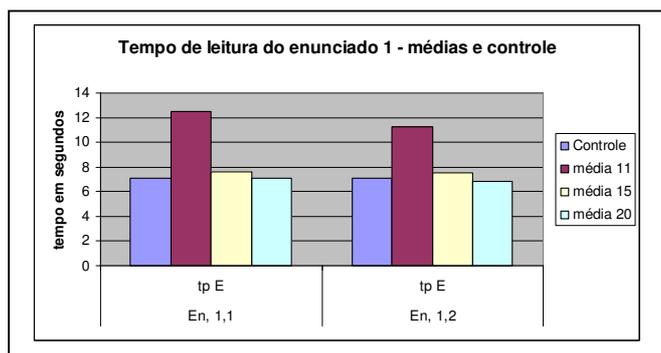


Figure 11. Gráfico- médias do tempo de leitura do enunciado 1 – Texto “A Amazônia”

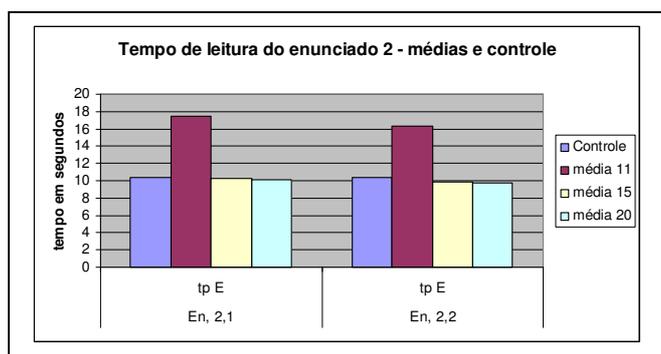


Figure 12. Gráfico- médias do tempo de leitura do enunciado 2 – Texto “A Amazônia”

C. Tons e acentos tonais de Sintagmas Entoacionais

A teoria métrica-autossegmental [8] parte da premissa de que o contorno entoativo de um enunciado é resultado da interpolação fonética entre eventos tonais (acento tonal e tom de fronteira) fonologicamente especificados e associados com determinadas sílabas. O acento tonal é o tom ou sequência de tons fonologicamente associado a uma sílaba acentuada - normalmente associa-se à cabeça mais proeminente do constituinte - enquanto o tom de fronteira se associa fonologicamente ao limite de uma frase, ou limites de constituinte prosódico, e não se associa à marcação de proeminência.

Para o presente trabalho, foram observados os tons de fronteira e os acentos tonais para facilitar a segmentação dos enunciados, selecionados para análise, em Sintagmas Entoacionais. Na figura 13, a seguir, é apresentado, como exemplo, o Enunciado 1 do texto “O ratinho Dadá.”, realizado pelo informante considerado leitor ideal, neste trabalho.

Temos, como mostra a figura 13 três Sintagmas Entoacionais no enunciado 1 (“Nessas caçadas nocturnas à procura de comida, Dadá não se contentava em comer o que encontrava e pedia sempre um pouquinho mais de comida aos amigos.”).

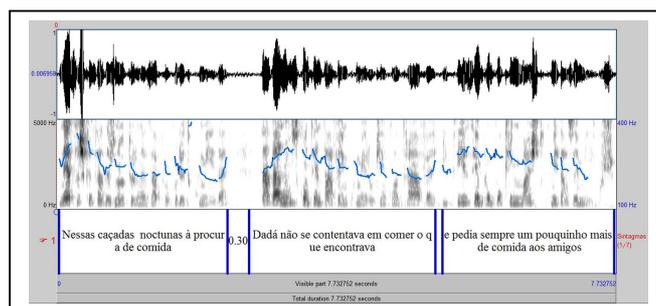


Figure 13. Enunciado 1 – Texto “O ratinho Dadá” – Leitura controle

A fronteira de Sintagma Entoacional, quando intermediário e não final, é marcada visivelmente por uma subida do *pitch*, ou seja, há uma fronteira H%. Além desse fator, o tom de fronteira alto, o limite entre o primeiro e o segundo sintagma deste enunciado é marcado também por uma pausa de 300ms.

Do texto “A Amazônia”, foram selecionados dois enunciados para análise. A figura 14 apresenta, como exemplo, o enunciado 1 (“Fotografada de dez mil metros de altitude, a mancha verde da floresta, que se observa até a linha do horizonte, parece infundável.”), lido pelo leitor considerado ideal.

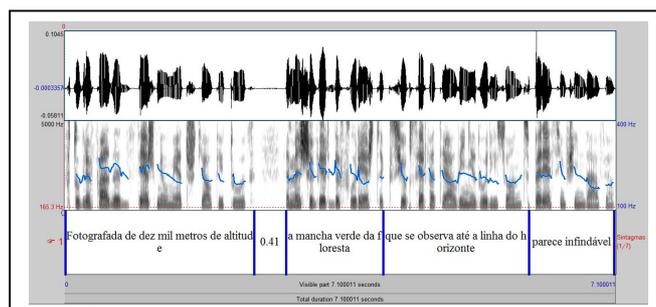


Figure 14. Enunciado 1 – Texto “A Amazônia” – Leitura controle

Nota-se que o enunciado acima foi segmentado, pelo leitor, em quatro Sintagmas Entoacionais. As marcas mais visíveis, que apontam a segmentação são: a) o tom de fronteira alto, no final do sintagma intermediário e b) a pausa.

A marcação de acentos tonais e tons de fronteiras, nos possibilitou demarcar com maior certeza as fronteiras dos Sintagmas Entoacionais (I) dos textos lidos.

D. Número de Sintagmas Entoacionais

Um indicador de boa fluência é a organização do texto lido em grupos de palavras de maneira a aumentar o tamanho das frases lidas, ou seja, é importante que o leitor organize sua leitura de modo a formar Sintagmas Entoacionais² de boa qualidade e sem excesso de pausas.

² Chamamos Sintagmas Entoacionais de “boa qualidade” aqueles que apresentam boa formação sintática e coesão semântica entre as palavras que os compõem.

Foram calculadas as médias do número de Sintagmas Entoacionais realizados pelos sujeitos em cada um dos três enunciados, do texto “O ratinho Dadá”, selecionados para análise. Tais valores foram comparados com o valor “controle”. As figuras 15, 16 e 17 apresentam esses dados.

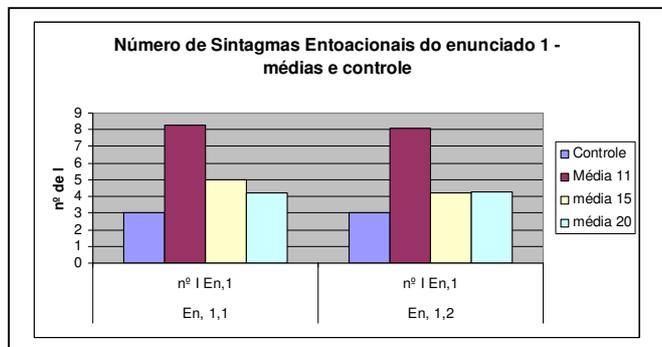


Figure 15. Gráfico- médias do número de Sintagmas Entoacionais do enunciado 1 – Texto “O ratinho Dadá”

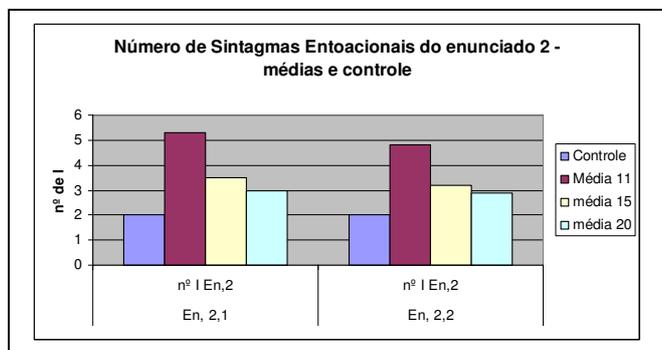


Figure 16. Gráfico- médias do número de Sintagmas Entoacionais do enunciado 2 – Texto “O ratinho Dadá”

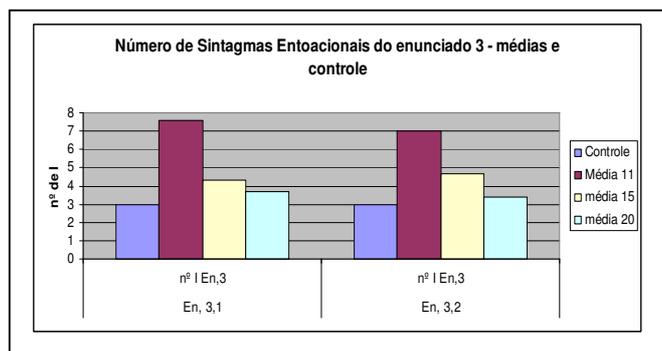


Figure 17. Gráfico- médias do número de Sintagmas Entoacionais do enunciado 3 – Texto “O ratinho Dadá”

Ao compararmos esses valores, no que diz respeito à média do número de Sintagmas Entoacionais realizados em cada um dos três enunciados selecionados para análise, do texto “O ratinho Dadá”, podemos afirmar que os valores que mais se aproximam do valor controle são as médias dos sujeitos de 20 anos. Ainda podemos afirmar que há uma diminuição no valor

da média do número de sintagmas inversamente proporcional à idade dos sujeitos.

Se considerarmos que o número de Sintagmas Entoacionais realizados pode ser um indicador de fluência, podemos caracterizar, sob este ponto de vista, os leitores de 20 anos como fluentes. Os adultos apresentaram médias mais próximas ao valor considerado ideal.

Os gráficos das figuras 18 e 19, que se seguem, apresentam as médias do número de Sintagmas Entoacionais realizados nos enunciados 1 e 2 do texto “A Amazônia”.

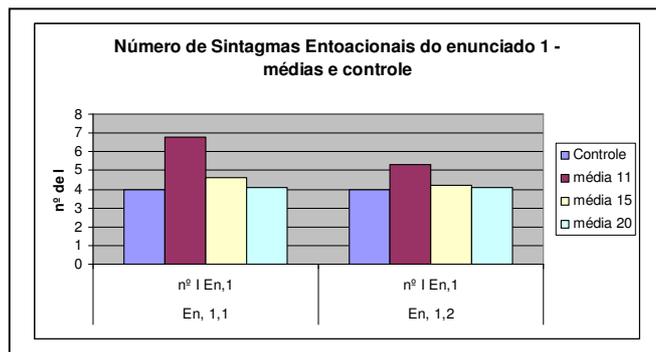


Figure 18. Gráfico- médias do número de Sintagmas Entoacionais do enunciado 1 – Texto “A Amazônia”

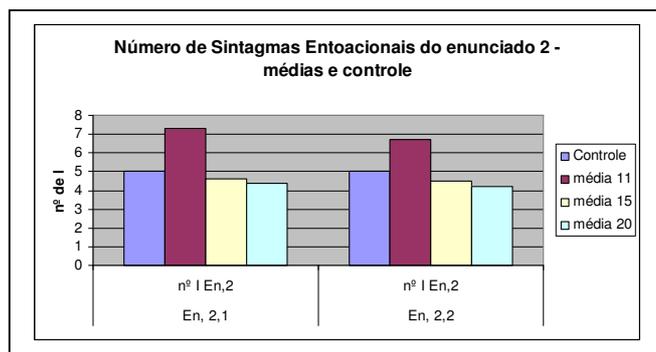


Figure 19. Gráfico- médias do número de Sintagmas Entoacionais do enunciado 2 – Texto “A Amazônia”

A partir da observação dos valores apresentados nos gráficos 18 e 19, podemos dizer que também há uma relação inversamente proporcional entre o número de I e a idade dos sujeitos desta pesquisa – quanto menor a idade, maior o número de Sintagmas.

E. Tempo de resposta ao teste de compreensão

A partir da observação dos dados sobre os tempos de resposta, podemos afirmar que leitores *expert* empregam mais efetivamente estratégias de leitura que leitores principiantes e são mais rápidos e mais eficientes para retirar informação do seu domínio de conhecimento. Ainda não foi realizada análise dos tempos de resposta relacionando-os aos níveis de processamento. Apenas verificamos os tempos de resposta das questões, uma a uma e isso nos deu como dado principal que o

grupo de 20 anos apresentou maior agilidade ao responder corretamente as questões. Posteriormente, pretendemos apresentar uma análise mais detalhada sobre esse aspecto.

F. Idade e escolaridade

Essas duas variáveis estão relacionadas uma à outra. A partir da observação dos dados, podemos dizer que os sujeitos com maior nível de escolaridade apresentaram, em média, tempo menor de leitura dos enunciados, menor tempo de pausa e menor número de Sintagmas Entoacionais, além de apresentar também maior velocidade para responder às questões dos textos. No entanto, ao contrário do que esperávamos, houve grande número de respostas erradas neste grupo, principalmente para o texto “O ratinho Dadá”. Esse fato nos surpreendeu, pois este é um texto infantil e imaginávamos que os sujeitos com maior nível de escolaridade teriam melhores resultados. Pensamos que isso pode ter ocorrido porque os sujeitos de 20 anos não se interessaram pelo texto ao perceberem que se tratava de um texto infantil; então, não prestaram atenção ao conteúdo deste texto.

Os sujeitos de 11 anos apresentaram, como esperado, maior tempo de leitura dos enunciados, maior tempo de pausa, maior número de Sintagmas Entoacionais e maior tempo de resposta para as questões dos textos. Isso confirma a afirmação de Perfetti (1985), quando o autor diz que processos ao nível da palavra que são lentos ou ineficientes consumirão recursos da memória de trabalho que poderiam ser destinados a processos interpretativos de alto nível. Neste caso, os sujeitos com menor nível de escolaridade gastaram mais recursos na decodificação, o que demandou maior tempo de leitura e exigiu maiores tempos de pausa.

G. Texto

A variável “texto” também apresenta dados interessantes. Observamos que, ao contrário do que esperávamos, as questões sobre o texto “O ratinho Dadá”, no nível de palavra, obtiveram maior número de respostas erradas que o texto mais complexo, “A Amazónia”, para os sujeitos de 20 anos. Esperávamos que o texto infantil fosse obter maior número de respostas certas, principalmente no grupo com maior escolaridade. Percebemos que o texto infantil não causou interesse desse grupo, portanto, não houve atenção no momento da leitura.

Observando os outros grupos, reparamos que a complexidade do texto apresentou-se como uma dificuldade a mais na leitura. Pudemos verificar esse fato nas respostas e nos tempos gastos para fazê-las.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho ainda está em andamento. Portanto, os resultados são parciais. Com relação ao tempo total de leitura do texto, pudemos observar que, ao contrário do que esperávamos, os sujeitos de 20 anos apresentaram maior tempo de elocução dos textos. Nossa análise é de que esses sujeitos preocuparam-se em obter precisão na realização dos

sons. A precisão também é uma característica de fluência de leitura e os sujeitos com maior nível de escolarização parecem ter gastado o tempo de elocução na articulação das palavras. É importante notar que, para todos os sujeitos, houve uma diminuição no tempo total de leitura da leitura 1 para a leitura 2. Isso se explica pelo fato de os leitores estarem, na segunda leitura, já familiarizados com os textos, com as palavras, com as expressões, com a idéia.

Quando observamos as pausas realizadas nos enunciados analisados, notamos maior duração e quantidade nos sujeitos de 11 anos. Propomos que isso ocorra porque esses sujeitos devem utilizar a pausa como uma ferramenta de auxílio na decodificação da palavra. Notamos que a média dos tempos de pausa realizados pelos sujeitos de 20 anos é a que mais se aproxima do valor de pausa realizada pelo leitor “ideal” – valor “controle”. Com isso, podemos confirmar que os sujeitos com menor número de pausas e pausas mais curtas possuem melhores habilidades prosódicas.

Sobre o tempo elocução dos enunciados selecionados para análise nos dois textos, verificamos que os valores que mais se distanciam do valor “controle” pertencem aos sujeitos de 11 anos. Isso era esperado, visto que os leitores com maior dificuldade no nível da palavra – com a decodificação, por exemplo – gastam mais recursos da memória que poderiam estar envolvidos em outros processos.

Verificamos, na observação do número de Sintagmas Entoacionais realizados nos enunciados analisados, que os indivíduos com menor escolaridade apresentaram maior número de I. Esse fato pode caracterizar esse grupo como menos fluente, pois sabemos que um leitor fluente é capaz de organizar sua leitura de forma a obter menos pausa dentro do enunciado – o que nos daria menos Sintagmas Entoacionais – e pausas mais curtas. Nos gráficos apresentados, observamos que houve uma diminuição do número de Sintagmas Entoacionais da primeira leitura para a segunda, o que confirma o fato de os leitores terem ganhado fluência do primeiro contado com o texto para o segundo. Observamos, também, que há uma relação inversamente proporcional entre o número de sintagmas Entoacionais e a idade do sujeito e que os valores dos sujeitos com maior escolaridade se aproximam mais do valor “controle”.

Os tempos de resposta aos testes de compreensão são importantes ferramentas para verificarmos em que nível do processamento os sujeitos gastam maior tempo para processar a linguagem. Entretanto, ainda não fizemos essa análise. Observamos apenas os resultados das questões, uma a uma, e a média entre os sujeitos. Verificamos que os sujeitos de 20 anos gastam menos tempo para responder corretamente as questões. Propomos que isso ocorra porque tais sujeitos possuem um processamento mais rápido e são mais ágeis para retirar informação do seu domínio de conhecimento.

Acreditamos que ao final, quando tivermos analisado e cruzado todos os dados, estaremos dando um passo importante para compreendermos o papel dos elementos da prosódia na compreensão do texto lido.

REFERÊNCIAS

- [1] PERFETTI, C. A. Reading Ability. New York: Oxford University Press. 1985.
- [2] SHREIBER, P.A. Understanding prosody's role in reading acquisition. Theory into Practise. v.30, n° 3, p.158-164, 1991.
- [3] KUHN,M.; STAHAL, S. A. Fluency: a review of development and remedial practices. Journal of Educational Psychology, v. 95, p. 3-21, 2003.
- [4] BREZNITZ, Z. Fluency in reading: synchronization of processes. Mahwah: Lawrence Elbaum Associates, 2006.
- [5] CAGLIARI, L. C. Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: ILARI, I. Gramática do Português Falado: níveis de análise lingüística. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- [6] SCHWANENFLUGEL, P.; HAMILTON; KUHN; WISENBAKER; STAHL. Becoming a fluent reader: reading skill and prosodic features in the oral reading of Young readers. Journal of Educational Psychology, v. 96, n° 1, p. 119-129. 2004.
- [7] NESPOR, M.; VOGEL, I. Prosodic Phonology. Dordrecht: Foris. 1986.
- [8] LADD, R. Intonational Phonology. Cambridge: Cambridge University Press. 1996.